

FONOLOGIA AUTO-SEGMENTAL  
E NASAIS EM PORTUGUÊS

Ernesto D'ANDRADE  
Faculdade de Letras da  
Universidade de Lisboa  
Alain KIHM  
CNRS - Paris

1. Como representar a nasalidade? Na Fonologia Estruturalista, para representar a nasalidade vocálica, levantava-se o problema de saber se se tratava de um ou de dois fonemas.

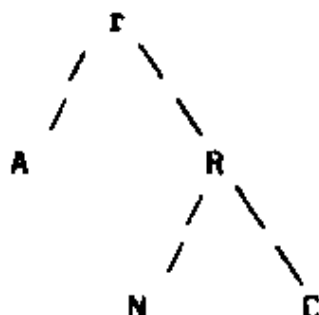
Na Fonologia Generativa, e isto sobretudo na sua variante dita Natural, punha-se também a questão do número de segmentos fonológicos que era necessário postular.

No caso de afirmar que havia dois fonemas, ou dois segmentos fonológicos, era necessário postular um conjunto de regras para explicar a nasalidade vocálica. Na realidade é esta a solução proposta pela maioria dos autores que têm tratado deste aspecto do vocalismo português.

Numa perspectiva auto-segmental, multi-linear ou tri-dimensional, este problema deixa de ter razão de ser, visto os diferentes traços serem autonomizáveis e por isso um segmento ser representável em vários níveis.

O modelo que aqui se propõe é composto de um esqueleto de posições sobre o qual se vão projectar os diferentes traços (auto-segmentos) e os pontos do esqueleto são os pés dos ramos de uma árvore silábica que os organiza hierarquicamente segundo a estrutura:

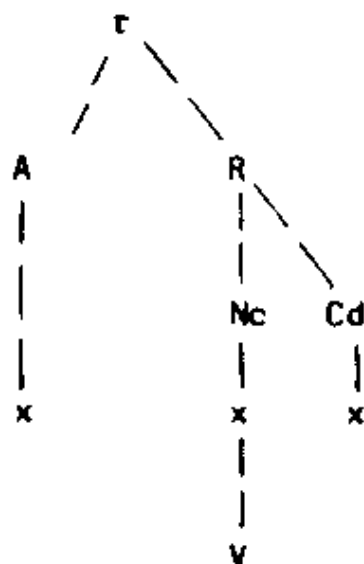
1.



(A= Ataque; R= Rima; N= Núcleo; C= Coda)<sup>1</sup>

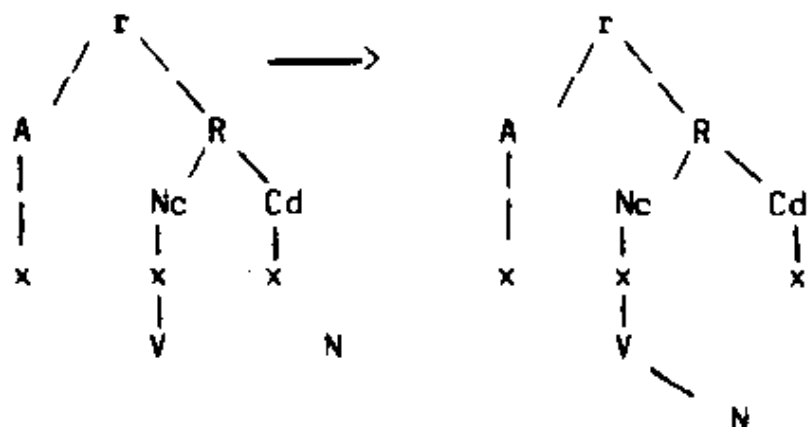
Considerando este quadro teórico, como representar a nasalidade em Português?

2.



Onde se encontrará a nasalidade? Devemos escolher, aparentemente, entre duas possibilidades. Ou ela está na Coda ou no Núcleo. Porém, contudo, como hipótese que ela se projecta sobre o Núcleo, isto é, a nasalidade é um autosegmento flutuante.

3.

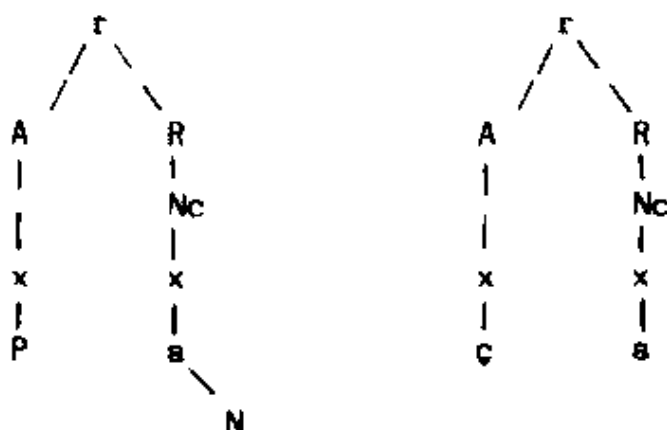


Exs.: fim, lã

(Uma razão forte a favor desta hipótese reside no facto de termos uma vogal nasalizada sem marcas de consoante nasal)

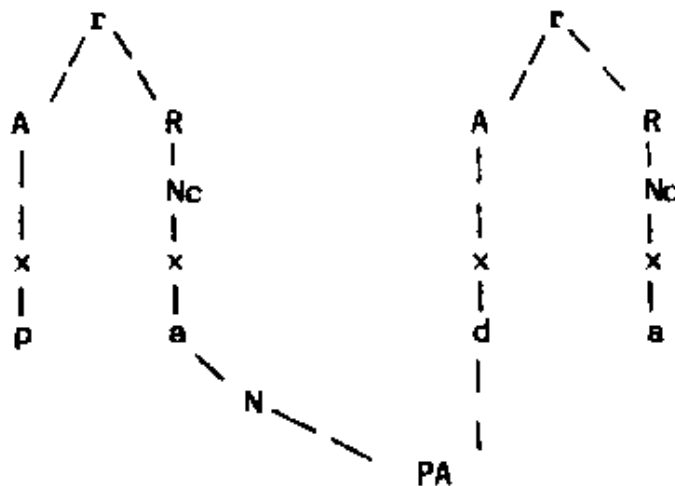
Note-se todavia que os exemplos dados apresentavam a vogal nasal em posição final de palavra. Vejamos então o que se passa quando tal não é o caso. Encontramo-nos perante uma das situações seguintes: ou o Ataque seguinte é nulo, ou ele está ocupado. Se o Ataque está ocupado, como por exemplo em *pança*, a representação da vogal será:

4.



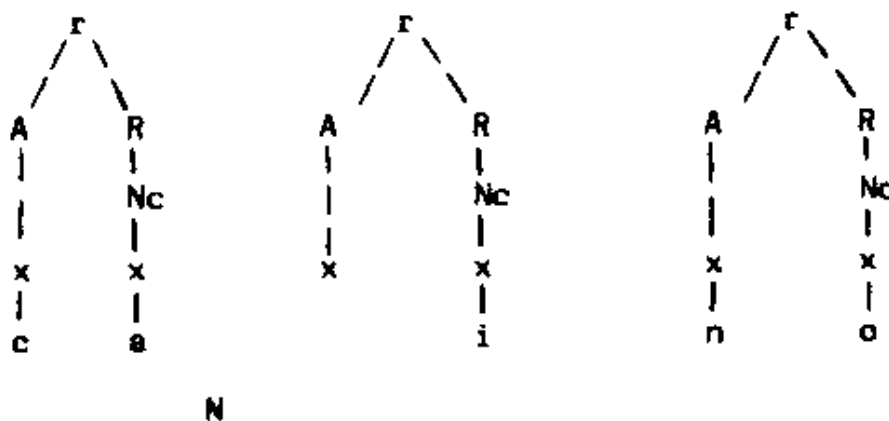
No caso dos dialectos, ou línguas, em que a consoante nasal é audível e homorgânica da consoante seguinte, o modelo explica esse facto como uma simples assimilação progressiva dos auto-segmentos relativos ao ponto de articulação.

5.



Mas se o Ataque seguinte for nulo, como por exemplo na segunda sílaba de *canino*, ou *panito*, e é nulo porque o /n/ de -ni- é flutuante na representação lexical - isto se quisermos mostrar as relações que existem entre *cão* e *canino*, ou *pão* e *panito* - teremos:

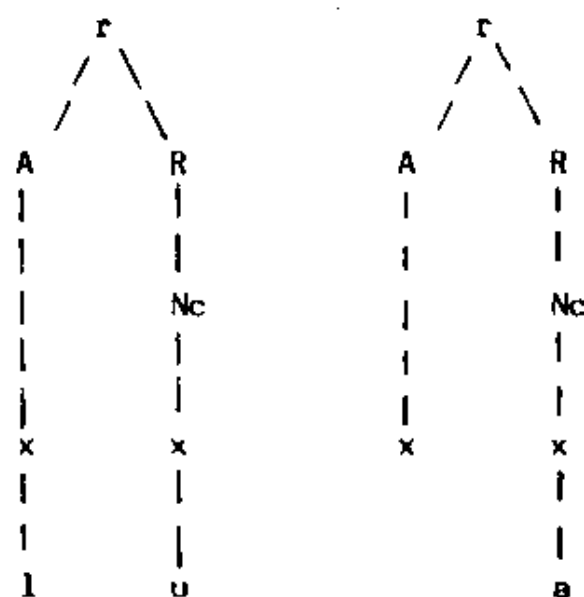
6.



Ao contrário, o /n/ de -no é um /n/ que se encontra em posição de Ataque (ancorado) na representação lexical, como se verifica na última sílaba de (6).

Acontece que se lunático está para lua como canino está para cão, a representação de lua deverá ser:

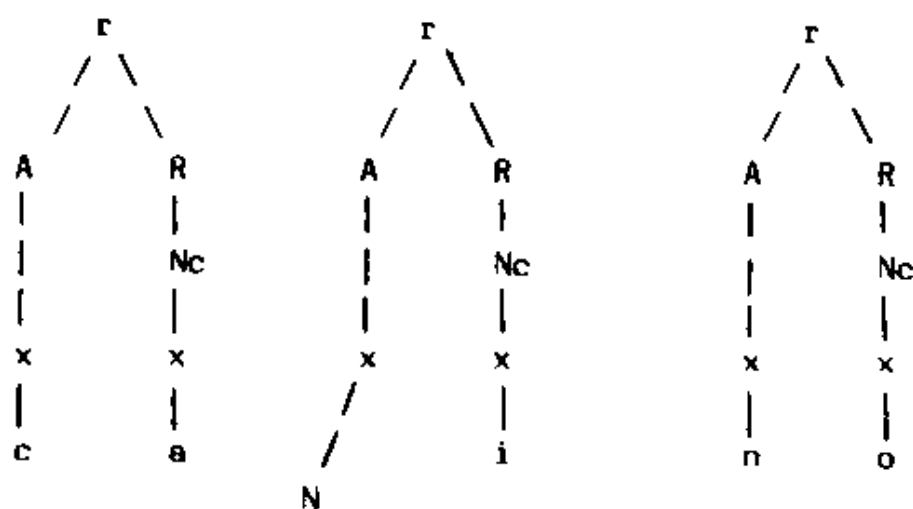
7.



N

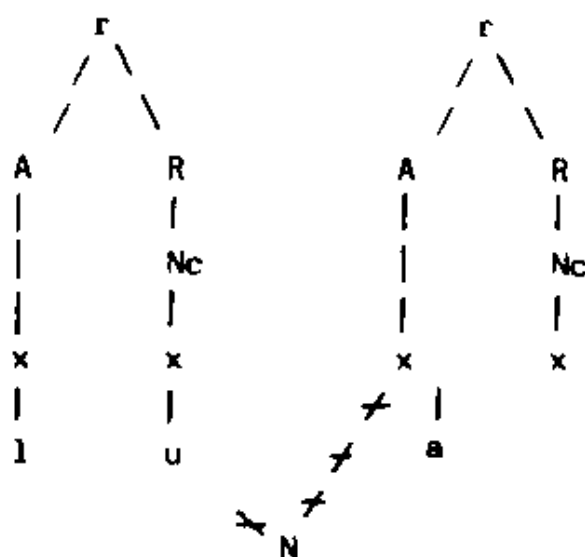
Temos agora de tentar saber porque é que todas as palavras como canino e lua, cujas duas primeiras sílabas têm exactamente a mesma representação, não manifestam o mesmo resultado fonético. Com efeito, o resultado não é canino e luna, ou calno e lua mas sim canino e lua. Trata-se, na nossa opinião, de palavras pertencentes a duas classes diferentes e como tal tratadas no léxico. O auto-segmento N só é associado ao Ataque se se tratar de uma palavra derivada lexicalmente. Caso contrário, isto é, quando se trata de palavra simples, o auto-segmento não se associa ao Ataque como também não se projecta sobre o Núcleo precedente. Teramos, deste modo:

8. a.



canino

b.

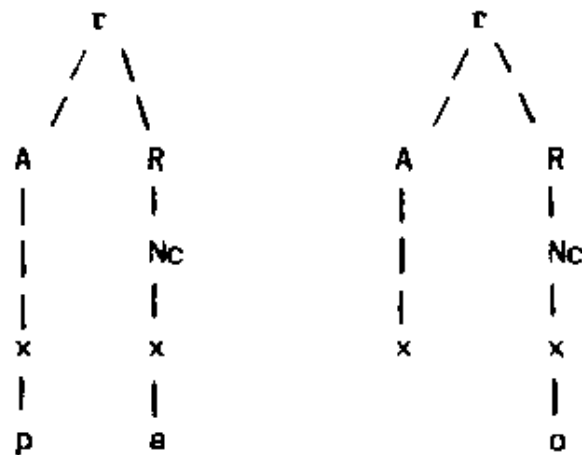


lun

em que em (8. b) o auto-segmento N não se projecta no Núcleo porque o Ataque seguinte é nulo, mas também não se projecta no ataque seguinte visto tratar-se de uma palavra não derivada.

Já se disse a propósito de *canino* que o /n/ de *-no* era um Ataque. Dir-se-à a mesma coisa do /n/ de *peno*, ou de *cano*. Se *peno* tivesse como representação

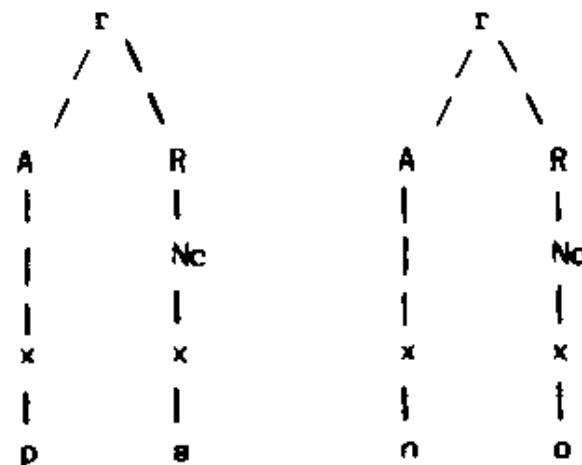
9.



N

o resultado deveria ser *cao*, tal como temos *lua*, visto tratar-se de uma palavra não derivada. Isto demonstra claramente que o /n/ de *peno* está ancorado desde o nível da representação lexical.<sup>2</sup>

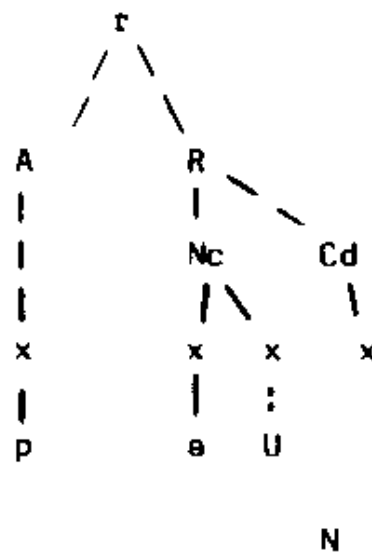
10.



Este segmento vale também para o sufixo de palavras como *canino*.

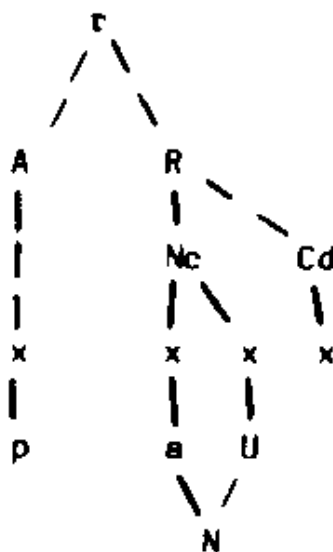
Tal como as vogais, os ditongos nasais não apresentam dificuldade alguma em serem representados. Por exemplo, a representação de *pão* é

11.



em que N se projectará sobre o Núcleo.

12.





---

Pode constatar-se que em Português se houver um ditongo nasal não pode haver uma sílaba a seguir na mesma palavra, isto é, só pode haver um ditongo nasal se a seguir não houver Ataque.<sup>3</sup>

Chegados a este ponto, impõem-se algumas conclusões sobre a nasalidade em Português.

13. a. A difusão do auto-segmento N tem como domínio uma só posição silábica, quer o Núcleo, quer o Ataque, que são projecções máximas;

b. A difusão processa-se no Núcleo quando este não está seguido de um Ataque (final absoluta), ou então seguido de um Ataque preenchido lexicalmente;

c. A difusão faz-se no Ataque quando o Núcleo está seguido de um Ataque nulo e a palavra é derivada.

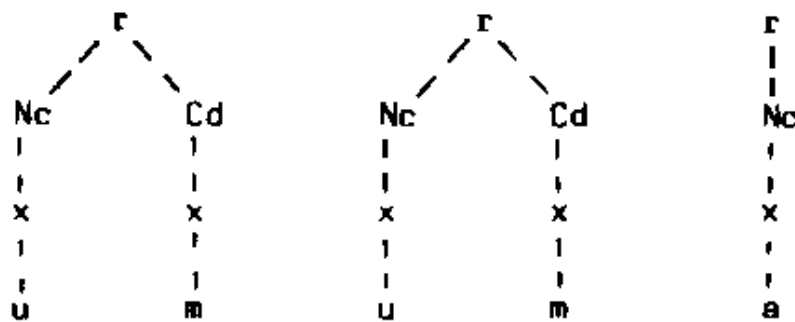
14. Não há difusão do auto-segmento N quando o Núcleo está seguido de um Ataque nulo e a palavra não é derivada (o auto-segmento mantém-se flutuante, e como tal não tem realização fonética).

15. Nas palavras do tipo de ano, seno, pino não há difusão porque o auto-segmento N está ancorado na representação lexical.

Decorre do que acaba de ser visto que, em Português, o auto-segmento N, excepto num pequeno número de palavras (sentidas como excepcionais e muitas vezes regularizadas) como: *specimen*, *regimen*, *abdomen*, *hifen*, *himen*, não pode ocupar a posição de Coda.<sup>3</sup>

## NOTAS

1. Em vez de N para Núcleo escreveremos Nc, de modo a não provocar confusão com o auto-segmento N.
2. O par de palavras **um/uma** aparecerá sempre como excepcional, visto que deveríamos ter **um/ua**, segundo o modelo de **bom/boa**, ou então **u/una**, de acordo com **lua/lunático**. Ainda que se considerasse que o /m/ está ancorado na Coda, o que nos parece perfeitamente ad hoc, seria necessário explicar a nasalidade de /u/ e o desaparecimento do /m/, no masculino.



3. Existe, na realidade, um reduzidíssimo número de palavras que pode apresentar um ditongo nasal antes de um Ataque lexicalmente ancorado, como, por exemplo, **cãibra**. Note-se todavia que a sua pronúncia mais comum é provavelmente **cãimbra**, ou **cambra** e que palavras como **cãibal**, **cãibas**, **cãibeiro**, **cãibo** são mais comuns sob a forma **cambal**, **cambas**, **cambeiro** e **cambo**.

Não são exceções "palavras" como **cãozinho**, **leãozinho** porque na realidade **-zinho** funciona como uma palavra autónoma. Se não houvesse duas palavras, não se compreenderia a mudança do ditongo no plural.